

Nova individual de DENILSON BANIWA ocupa A Gentil Carioca São Paulo



Tupana pisirú (Salvo por Deus), 2025
Foto: Pedro Agilson / A Gentil Carioca

Entre cosmologias e colonialidade, artista reposiciona narrativas amazônicas. Com pigmentos naturais, carvão e penas sobre fibras de casca de árvore, as obras articulam testemunho ancestral e leitura contemporânea das forças que moldam a vida na região

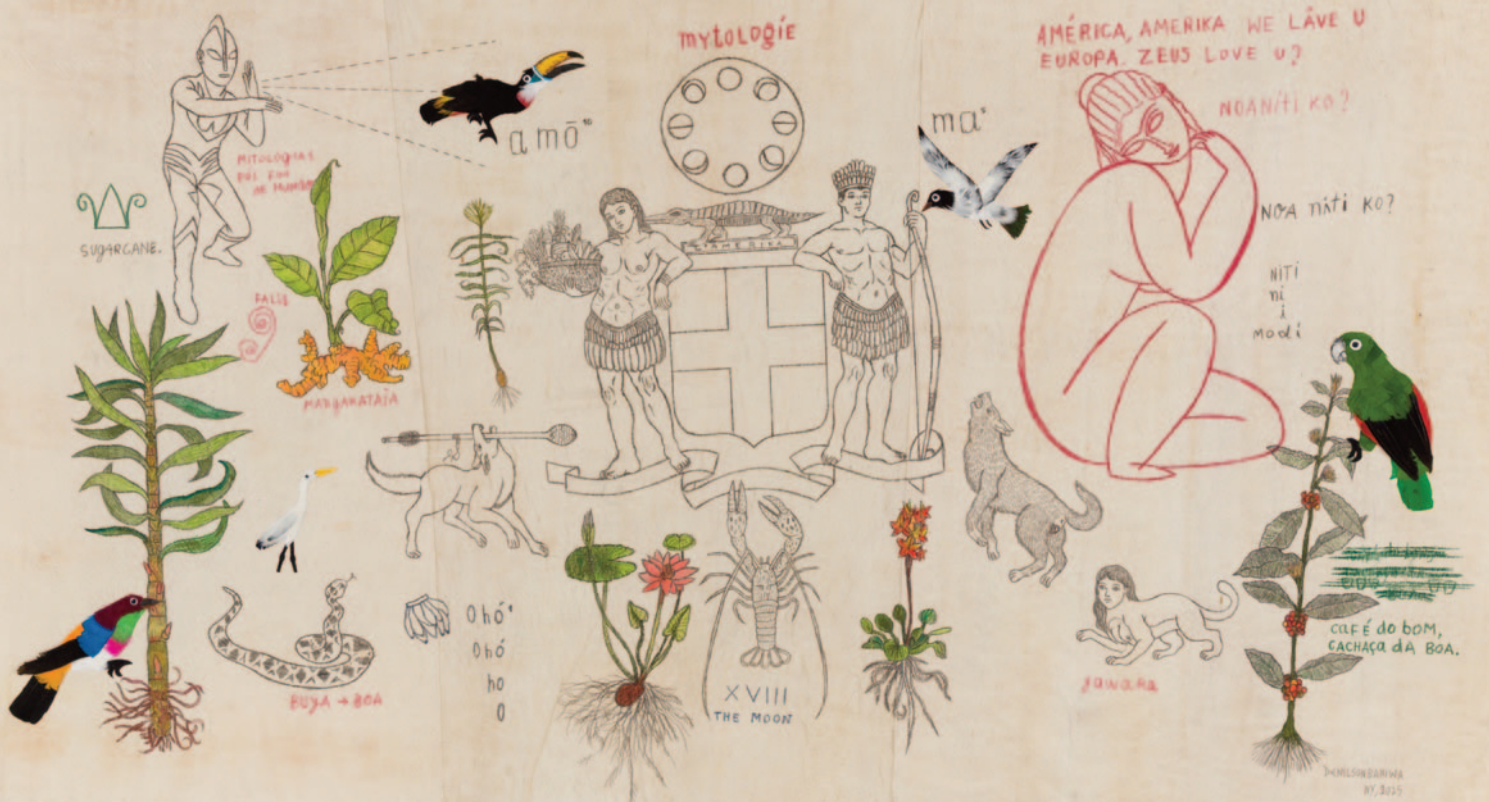
A Gentil Carioca São Paulo inaugura, em 7 de abril, a exposição “Denilson Baniwa: Yawara Akanga”, nova individual do artista indígena. A mostra reúne 15 obras recentes, que dão continuidade à sua investigação sobre a presença não indígena na região do Rio Negro e no território amazônico. O texto crítico é assinado por Miguel A. López, curador-chefe do *Museo Universitario del Chopo*. Esta é a segunda individual do artista na unidade paulista, após “Moqueca de Maridos” (2023).

As obras revisitam o passado por meio da reinterpretação de imagens oriundas de tradições e representações locais, bem como de instituições europeias e norte-americanas – incluindo o *Musée du Quai Branly*, na França; o Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, Portugal; a Biblioteca da Universidade de Princeton e a Fundação Getty, ambas nos Estados Unidos –, além de arquivos fotográficos de internatos católicos e missões salesianas em aldeias amazônicas.



Solve et Coagula (Dissolver e Coagular), 2025

Foto: Pedro Agilson / A Gentil Carioca



Mitologia Lunar, 2025

Foto: Pedro Agilson / A Gentil Carioca

Os trabalhos apresentam linguagens e representações ligadas à química e à medicina, diferentes maneiras de observar o cosmos e narrativas sobre a origem do mundo. Frases como “Antes do pecado, todos bebiam CAXIRI!” e “FÉ! Fé! Luta! Luta!” evidenciam tensões entre imposição religiosa e resistência anticolonial.

A presença de divindades indígenas ao lado de figuras da mitologia greco-romana, por sua vez, propõe deslocar o eixo da narrativa histórica, posicionando as cosmologias amazônicas como ponto de partida para repensar a filosofia e a história ocidentais.

Segundo Miguel A. López, as obras revelam a construção da subjetividade indígena como um processo

contínuo de negociação e resistência, no qual, diferentemente da perspectiva moderna ocidental, animais, plantas e forças espirituais assumem papéis centrais.

INSTALAÇÃO MULTIMÍDIA

Recentemente, Baniwa apresentou a vídeo-instalação *O JARDIM (Trilogia das Plantas 2)*, em colaboração com o cineasta Felipe M. Bragança, também na galeria.

O projeto integra uma trilogia que articula narrativas do povo *Baniwa* com a filosofia do pensador italiano Emanuele Coccia – que participa da obra –, propondo a ideia de uma iminente “revolução vegetal”.

YAWARA AKANGA

POR DENILSON BANIWA

O processo de construção desta exposição reúne questões que venho pesquisando há muito tempo. Tenho visitado diversos museus fora do país, onde há grandes coleções de artefatos de populações indígenas da minha região e de outras partes do Brasil. Esses itens compõem narrativas desses povos a partir de suas mitologias, de seus entendimentos sobre arte, sociedade e mundo. No entanto, para esses museus, os objetos recolhidos (ou roubados) dessas comunidades indígenas, que foram preservados em seus acervos e coleções, também constituem uma narrativa de ocupação e dominação colonial. Funcionam como índices de conquista e de transformações radicais ocorridas nessas comunidades, a partir do contato com a sociedade ocidental.

*Utilizo a própria história
da arte ocidental
para questionar
as narrativas coloniais*

Denilson Baniwa

Por outro lado, esses mesmos museus, na Europa e nas Américas, quando tratam de sociedades modernas,



Marajoara, 2026

Foto: Pedro Agilson / A Gentil Carioca

contemporâneas e intelectualmente desenvolvidas, utilizam objetos e produções artísticas europeias como referência de superioridade cultural e funcional. Isso me leva a questionar quais narrativas importam para o mundo ocidental contemporâneo e que aspectos das culturas indígenas, inclusive suas formas de inteligência e de organização do mundo, foram apropriados, subtraídos ou adaptados ao contexto ocidental.

Meu interesse, desde sempre, parte do contato com esses acervos e das relações que estabeleço com as pessoas que os administram, bem como com o material produzido a partir deles em universidades, cátedras e pesquisas científicas. Busco construir uma narrativa a partir do ponto de vista indígena. Meu processo é, portanto, uma espécie de arqueologia de

documentos, objetos e histórias, contadas ou não contadas, que recolho tanto em instituições museológicas na Europa e nas Américas quanto em conversas com minha família, minha comunidade, lideranças indígenas e pessoas interessadas no reconhecimento dessas histórias.

Antes de produzir as obras, construí uma coleção visual com tudo o que venho reunindo ao longo dessa pesquisa, que já dura anos. Para criar um trabalho, posso tanto adquirir um livro raríssimo em um leilão em Paris quanto viajar até uma aldeia distante para ouvir relatos sobre os internatos católicos ou sobre o escravagismo moderno no Alto Rio Negro.

Meu objetivo é contribuir para a compreensão da história do Brasil a partir de uma perspectiva indígena. Nesse processo, realizo rasuras em ícones históricos, subtraio discursos anti-indígenas e intervenho em imagens racistas, ao mesmo tempo em que evidencio a presença indígena ao longo da história das Américas.



K-Drama (Dorama), 2026

Foto: Pedro Agilson / A Gentil Carioca



Poema a
Oswald de
Andrade,
2026

Foto:
Pedro Agilson /
A Gentil Carioca

A partir dessa coleção visual, construo meu trabalho utilizando iconografias muitas vezes amplamente conhecidas no Brasil – presentes em livros escolares, no cinema, no teatro, na música e na literatura – e que ajudaram a formar uma memória coletiva sobre quem são, onde estão, como se comportam e como vivem os povos indígenas. Essa memória, no entanto, frequentemente carrega visões preconceituosas ou racistas.

Assim, recorro à própria história da arte ocidental para questionar narrativas coloniais. Em algumas obras, coloco em tensão imagens consagradas com grafismos e personagens de cosmologias indígenas, provocando e deslocando os sentidos dessas representações.

As obras que fiz para essa exposição funcionam como uma *pussanga* – termo do *nheengatu* que pode ser entendido como feitiço –, propondo uma reflexão sobre os

apagamentos históricos das populações indígenas e sobre a própria construção da cultura brasileira. Essas obras são espaços de crítica cultural, revisão histórica e também de provocação, que convidam o público a refletir sobre quem somos enquanto brasileiros e quem somos em relação às populações indígenas no nosso país.

*Cada obra é como
se fosse o começo
da transformação
do universo*

Denilson Baniwa

Meu processo no ateliê é caótico e intenso. Ao iniciar uma pintura, seja sobre tela ou *tururi* (entrecasca de árvore), trabalho até a exaustão, tentando traduzir ideias que estão em constante fermentação. Ao meu redor, há sempre música, livros e fragmentos dessas memórias: de alguém que nasceu indígena nos anos 1980 e vivenciou profundas transformações nas aldeias com a chegada da televisão, da música, do cinema e, mais tarde, da internet.

Esse caos também se manifesta nas obras, nesse movimento de lembrar quem eu sou e quem é essa gente que se parece comigo: máscaras de *Jurupari* – um dos demiurgos do Alto Rio Negro – aparecem ao lado de máscaras de *tokusatsu* japoneses (ambas são máscaras

de transformação); imagens de Nossa Senhora convivem com referências a Picasso e a petróglifos da região. Há também uma mistura de memória católica, cultura de massa e cultura indígena.

Cada obra é como se fosse o começo da transformação do universo que nasceu a partir do contato da colonização com o meu território e das pessoas que vivem nesse território de antes e de agora.

A exposição se chama *Yawara Akanga*, “Cabeça do Cachorro” em *nheengatu* – nome dado à região do Alto Rio Negro, onde nasci. Os trabalhos fazem alusão estritamente a essa região, a esse lugar onde eu nasci, e à forma como compreendi o mundo enquanto uma pes-

Belle Époque, 2025

Foto: Pedro Agilson / A Gentil Carioca





Máscaras de Jurupary, 2025

Foto: Pedro Agilson / A Gentil Carioca

soa *baniwa*, nascida nos anos 80, atravessada pela chegada da televisão, do rádio e da internet nos anos 2000.

Ao mesmo tempo, *Yawara Akanga* evoca o *modus operandi* do colonizador na perseguição aos povos indígenas nas Américas. Para representar a pictografia das obras, apropriei-me de gravuras de Théodore de Bry (Liège, 1528 - Frankfurt, 27 de março de 1598), gravurista quinhentista que fixou no tempo a imagem da conquista das Américas.

A escolha das frases e das palavras presentes nos meus trabalhos – em inglês, francês, espanhol, português,

nheengatu, tupi antigo ou uma mistura de tudo ao mesmo tempo – são lembranças dessa minha história de vida. São frases retiradas da bíblia, de filmes ou de músicas que fazem sentido para mim. São palavras roubadas de algum autor, de algum filósofo, ou são frases que eu construí durante o meu entendimento de mundo.

Tupana Pisirú, significa *Deus me protege*. *O céu já deve ter caído em algum rio*, faz menção ao amigo e professor Davi Kopenawa. *O maracá é um acelerador de partículas*, é uma frase do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. *Belle Époque*, é como era chamada historicamente a revolução industrial na Amazônia –

ciclo da borracha. *Mitologias do fim do mundo* é uma referência ao tio e mestre Ailton Krenak. Há ainda palavras em línguas indígenas cujo significado não revelou, melhor manter o segredo. Quem quiser descobrir o significado que aprenda a falar Tupi, Nheengatu, Tukano, Guarani, Tupi Antigo ou algum dos mais de 200 idiomas indígenas nesse mundo que chamamos de Brasil.

SOBRE DENILSON BANIWA

Barcelos, 1984. Vive e trabalha em Niterói, Rio de Janeiro. Artista amazônida de origem na nação Baniwa, tem como base de trabalho a pesquisa sobre aparecimentos e desaparecimentos de indígenas na História Oficial do Brasil.. Ao mesmo tempo busca nas cosmologias indígenas e suas representações artísticas um possível método de compartilhar conhecimentos ancestrais e criar um banco de dados com essas cosmologias como modo de salvaguardá-las.

Participou de exposições no CCBB, Pinacoteca de São Paulo, CCSP, Centro de Artes Hélio Oiticica, Museu Afro Brasil, MASP, MAR, Museu do Amanhã, Bienal de Sidney, Bienal de São Paulo, *Getty Museum* em Los Angeles, *Museo Amparo* no México, Inhotim, dentre outros. Em 2024, foi um dos curadores do Pavilhão Brasileiro na Bienal de Veneza.

SERVIÇO

Denilson Baniwa: Yawara Akanga

Abertura: 7 de abril, terça, das 16h às 21h

Até 23 de maio

A Gentil Carioca – São Paulo

Travessa Dona Paula, 108, Higienópolis, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 17h

<https://www.agentilcarioca.com.br/>



*Mercúrio
Retrôgrado,
2025*

Foto:
Pedro Agilson /
A Gentil Carioca